



MAJOR CARVALHO LIMA

Chefe do Serviço de Assistência Religiosa do Comando Militar do Leste.

O CAPELÃO MILITAR NAS OPERAÇÕES DE GARANTIA DA LEI E DA ORDEM

O presente artigo propõe-se a estudar e trazer uma reflexão doutrinária do papel dos capelães militares, particularmente, no que diz respeito às missões de pacificação de localidades afetadas pelo crime organizado, servindo de vetor facilitador na comunicação estratégica em missões de emprego de garantia da lei e da ordem (GLO).

Nesse sentido, quando se fala de presença religiosa em apoio às operações, observa-se que a intervenção do capelão militar é imprescindível no tocante a manter o moral da tropa em alta e como componente militar, realizar a interação por meio das relações de cunho religioso à aproximação de lideranças eclesiais civis que atuam nas localidades onde o Estado, por meio de força militar, estiver presente.

Salienta-se que a religião, como fator de influência, é proeminente nas relações humanas. Assim, em praticamente todas as sociedades e culturas do mundo, as religiões desempenham um papel significativo em ajudar a definir identidades de grupo, valores sociais e prioridades resultantes. A visibilidade e a intensidade dessas diferenças religiosas as tornaram um alvo de oportunidade potencialmente frutífero a serviço da redução e resolução de conflitos.

O sociólogo francês Emile Durkheim, em *The Elementary Forms of Religious Life* (1912), foi o primeiro a conectar explicitamente a religião à cultura e a identificar uma função central da religião como a promoção

da solidariedade de grupo. O trabalho de Durkheim influenciou o pensamento sobre o papel da religião em sua relação com a cultura do grupo. Essa conexão é uma maneira produtiva de pensar o papel da religião nos teatros de operações militares.

Os especialistas em religião do Exército são tradicionalmente seus capelães. A atuação do capelão militar como assessor de seus comandantes é prevista no Regulamento Interno e dos Serviços Gerais (RISG) e no manual de campanha EB-70-MC-10.240 Assistência Religiosa em Operações. Observa-se exemplos dessa forma de atuação em exércitos de outras nações.

Na guerra hispano-americana, o Capelão William D. McKinnon, dos Primeiros Voluntários da Califórnia, do Exército dos Estados Unidos da América, empreendeu uma missão diplomática ao Arcebispo de Manila a pedido de seu comandante, caminhando desarmado pelas linhas inimigas para fazê-lo.

Cabe ressaltar que as operações de GLO caracterizam-se como uma forma de intervenção para a manutenção da paz em regiões e localidades sob a administração do Estado.

“ A religião, como fator de influência, é proeminente nas relações humanas. Assim, em praticamente todas as sociedades e culturas do mundo, as religiões desempenham um papel significativo em ajudar a definir identidades de grupo, valores sociais e prioridades resultantes. ”

Dessa maneira, baseando-se em experiências vividas em operações de pacificação, será prudente reconhecer a possibilidade de que essas missões específicas podem exigir capelães militares para realizar atividades de papel não operacional. Assim, o presente artigo não defende que os capelães militares realizem o trabalho humanitário no lugar das organizações não governamentais (ONGs), mas na sua qualidade de assessores para os comandantes, os capelães militares podem ajudar, e muito, na tomada de decisões que envolvam assuntos civis e de lideranças religiosas locais.

A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NAS OPERAÇÕES

O emprego do capelão militar como assessor do comandante fica mais claro e evidente com a confecção, em 2018, do manual de campanha EB70-MC-10.240. A principal e significativa mudança observada está na aprovação das novas competências profissionais dos capelães militares, colocando-os de forma efetiva no apoio aos demais militares e as interagências, atuando

no amplo espectro dos conflitos e nas operações de GLO.

Diante dessa realidade, o capelão militar, na sua função de prover respostas adequadas aos problemas da alma, trabalha de forma a realizar uma ponte de cooperação com lideranças religiosas locais, como padres, pastores e líderes de associação de moradores/colaboradores, atuando na qualidade de um diplomata, envidando esforços para reduzir e minimizar os impactos dos conflitos de ordem local nas comunidades ocupadas, objetivando a pacificação da localidade.

Tal fato se torna plausível, uma vez que muitos capelães, de fato, com mestrado e, em alguns casos, doutorado em história e nas diversas ciências sociais, como filosofia, sociologia e antropologia, chegam ao serviço militar já preparados, pela educação e pelo temperamento, para serem especialistas no assunto das influências religiosas sobre a população de um determinado local. Dessa forma, tais militares procuram compreender a maneira pela qual a religião praticada em um determinado tempo e lugar pode favorecer ou não uma população para intervenções militares.



Fig 1 - A benção de uma patrulha, durante a Operação São Francisco, Complexo da Maré, ano de 2014.

A ATUAÇÃO DOS CAPELÃES NAS OPERAÇÕES

Nesse contexto, como exemplificação da atuação de capelães em apoio às operações de GLO, tem-se os processos de pacificação das comunidades do Complexo do Alemão, em 2010, e do Complexo da Penha, 2011, e mais recentemente, em 2014, nas operações de pacificação do Complexo da Maré.

Nas duas primeiras operações de pacificação citadas (Complexo do Alemão e da Penha), a equipe de capelães militares do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx) do Comando Militar do Leste e as organizações militares diretamente subordinadas implementaram um Comitê pela Paz, que visava reunir todos os sábados pela manhã, em um café comunitário, com lideranças religiosas locais.

Na ocasião, reuniram-se aproximadamente 200 líderes entre padres e pastores evangélicos, com o objetivo de cooperação e esforços para servirem de instrumento de conscientização da população local no combate às consequências devastadoras do narcotráfico e do consumo de drogas, assim como crimes e ilícitos penais. Essas reuniões renderam resultados positivos, mesmo apesar do medo e incerteza demonstrados por algumas lideranças locais quanto à proposta de mudança de *status quo* daquela localidade. Mesmo que possa parecer contraditório, os chefes do tráfico, em sua maioria, respeitavam as lideranças religiosas locais. Grande parte dos personagens envolvidos com o crime organizado provém ou tem algum tipo de relação afetiva e familiar com religiosos frequentadores das igrejas locais.

Uma vez conquistada a confiança desses líderes e com o avançar das reuniões, constatou-se maior facilidade em interagir com os moradores e os comerciantes. Em certa ocasião, foi confiada aos militares do SAREx a missão de realizar palestras sobre a prevenção às drogas ilícitas nas escolas das redes estadual e municipal. Assim, foi

apresentado um calendário que previa a ida do capelão militar, juntamente com uma equipe da comunicação social, às escolas. Nessas oportunidades, eram realizados contatos com os diretores das instituições de ensino, ocasiões em que eram planejadas as atividades, observando-se aspectos como a demanda, o público-alvo e a disponibilidade das instituições, conforme as condições de segurança dos locais. Após essas tratativas os militares tinham acesso às salas de aula, e por meios das palestras transmitiam as ideias-força, geralmente ressaltando os significados dos conceitos de paz, harmonia e como a força de pacificação atuava nesse sentido.

Em outra experiência reportada, o contato foi realizado com lideranças religiosas evangélicas. Nessa ocasião, foi proposta a realização de um culto que reunisse os fiéis das igrejas representadas dentro da comunidade do Complexo do Alemão, de onde nasceu a ideia de um culto evangélico e/ou concentração evangelística em um clube da localidade, outrora utilizado para realizações de bailes funk. O culto reuniu cerca de 400 pessoas em cânticos, orações e pregações religiosas, com a finalidade de reverter o quadro de sensação de insegurança que assombrava aquela comunidade.

Já na Operação São Francisco, realizada no Complexo da Maré em 2014, esses capelães atuaram de maneira a buscar colaboradores religiosos, padres e pastores, que detinham liderança na comunidade, a fim de realizar eventos religiosos no interior do bairro, como cultos ao ar livre, reuniões de estudos bíblicos e organização de casamentos coletivos, com apoio da Justiça itinerante, estreitando assim uma relação mais amistosa e amigável com o componente civil e o componente militar, provendo, muitas vezes, de apoios de saúde e assistencial aos moradores da comunidade ocupada.

O APOIO DO CAPELÃO AOS COMANDANTES

Se levarmos em consideração que, em operações, os capelães podem atuar como apoio ao destacamento de assuntos civis, os comandantes também podem se beneficiar do envolvimento do capelão. O *status* dos capelães como membros do clero ou líderes religiosos endossados fornece a eles credenciais que ninguém mais terá. Ademais, lhes dá acesso a certos líderes, populações e locais. O capelão, como neutro e não combatente, atua no sentido de criar ou fortalecer relacionamentos significativos com líderes de facções políticas, que contribuirão para reduzir o conflito e construir uma base para a pacificação da localidade.

Outra atuação de militares do SAREx, é a participação na Força-Tarefa Logística Humanitária, no Estado de Roraima, em 2019 e em 2020. Nessa ocasião, os capelães militares atuaram no auxílio, no contato e na interação do destacamento de assuntos civis com lideranças eclesiais e filantrópicas de Boa Vista-RR. Diversas igrejas e ONGs

agiram em parceria com o comando da Operação Acolhida.

Assim, nessa salutar aproximação, era perceptível a aplicação dos objetivos de ações humanitárias, atividade fim da Força-Tarefa, no sentido de ajuda às famílias venezuelanas. Ressalta-se a parceria firmada entre a Arquidiocese de Roraima, Igreja Evangélica do Evangelho Quadrangular, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Mórmons, dentre outras, com a equipe do SAREx.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, os capelães seguirão sendo elos fundamentais no estabelecimento de redes de líderes militares e civis. É imprescindível aos comandos estratégicos considerarem o emprego do capelão militar como vetor facilitador em operações de GLO na tomada de decisão sobre as operações de pacificação e de manutenção da paz. Ao mesmo tempo, compreenderem o envolvimento histórico dos capelães em iniciativas humanitárias e na formação de intensas conexões pessoais com componentes civis, de forma a oferecer diretrizes gerais quanto ao emprego eficaz desses militares no trato com a população.■

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Manual de Campanha EB70-MC-10.240. A Assistência Religiosa nas Operações**, 1. ed. 2018a.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Portaria nº 816, de 19 dez 03. Regulamento Interno e dos Serviços Gerais (RISG)**. 1. ed. 2003a.
- U.S. Army. Chaplains as Change Agents. Articles. **Barry R. Baron Chaplain (Col.) Barry R. Baron is the Command Chaplain. U.S. Army Civil Affairs and Psychological Operations Command (Airborne)**. Fort Bragg, NC. Ira C. Houck. Chaplain (Lt. Col.) Ira C. Houck is the Deputy Director., U.S. Army Center for World Religions. Fort Jackson, SC Religious Advising For Strategic Effect.
- U.S. Army. Instituto de História Militar dos Estados Unidos. **Carlisle, PA. HiCKs, Arthur. Correspondência com a esposa, dezembro de 1918 a março de 1919. "Capelão (CPT) Arthur Hicks- With Army in Europe (WWI)-#6618"**.

SOBRE O AUTOR

O Major Capelão Rogério de Carvalho Lima é Chefe do Serviço de Assistência Religiosa do Comando Militar do Leste (CML). Foi declarado aspirante a oficial, em 2005. Realizou os cursos de sargentos da arma de infantaria pelo 57º Batalhão de Infantaria Motorizado. É graduado em Teologia pela Federação de Triathlon do Estado do Rio de Janeiro, tem aperfeiçoamento em Política e Estratégica pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra e o Estágio de Gerenciamento de Crises pela Secretaria Estadual de Administração Penitenciária/ Departamento Geral de Ações Socioeducativas. É mestre em História Militar pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integrou a Força de Pacificação nos Complexos do Alemão, da Penha e da Maré, na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Integrou, ainda, o 16º Contingente da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (*MINUSTAH*) e o 7º Contingente da Força-Tarefa Logística Humanitária, Operação Acolhida, em Roraima (sarch@cml.eb.mil.br).